****

**SAÚDE MENTAL EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

Midiã de Itanhém Fernandes Martins[[1]](#footnote-2) Faculdade ICESP

Helen Fonseca de Souza da Costa Vale[[2]](#footnote-3) Faculdade ICESP

Agência Financiadora: Faculdade ICESP-NEXT

**RESUMO**

O presente projeto de extensão vem sendo desenvolvido com o propósito de entender e fazer intervenções com o público adolescente que participa do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) Tia Nair. Através da escuta proposta por rodas de conversa, entrevistas semiestruturadas, grupos focais e oficinas participativas, tentamos entender como os sujeitos vivenciam suas adolescências em contexto de vulnerabilidade, no intuito de auxiliar na construção do sujeito adolescente, bem como minimizar impactos causados pela vulnerabilidade na saúde mental. Este artigo descreve a experiência da primeira fase do projeto que encontra-se em andamento. Em um primeiro momento, percebemos a necessidade de intervenção e de realização de trabalhos de prevenção e valorização à equipe institucional. Com vistas a cuidar e ter um olhar acolhedor a quem cuida, buscamos promover espaços de fala, escuta e acolhimento à equipe de educadores responsáveis pelo andamento das atividades do local. Na próxima etapa pretendemos possibilitar aos adolescentes acesso aos serviços e intervenções em saúde mental propondo núcleos de apoio e identificar quais os fatores são passíveis de intervenção por medidas preventivas, educativas ou por medidas para recondução do comportamento já eivado pela depressão ou outras sintomatologias graves.

**Palavras-Chave:** adolescentes; saúde mental; vulnerabilidade social.

# **INTRODUÇÃO**

O artigo expõe resultados preliminares de um projeto de extensão universitária que está sendo realizado no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) Tia Nair, na cidade estrutural. O projeto foi desenvolvido com o propósito de entender e fazer intervenções com o público adolescente que participa do serviço de convivência supracitado. Através da escuta proposta por rodas de conversa, entrevistas semiestruturadas, grupos focais e oficinas participativas, tentamos entender como os sujeitos vivenciam suas adolescências em contexto de vulnerabilidade, no intuito de auxiliar na construção do sujeito adolescente, bem como minimizar impactos causados pela vulnerabilidade na saúde mental. Cabe ressaltar que antes de acessarmos os adolescentes, optamos por entender como se dá o funcionamento da instituição e como os atores envolvidos na mesma se reconhecem perante sua atividade laboral. Sendo assim, em um primeiro momento, percebemos a necessidade de intervenção e de realização de trabalhos de prevenção e valorização à equipe institucional. Com vistas a cuidar e ter um olhar acolhedor a quem cuida, buscamos promover espaços de fala, escuta e acolhimento à equipe de educadores responsáveis pelo andamento das atividades do local.

O espaço de convivência propõe atividades no contra turno escolar aos inscritos. Apesar da capacidade para 300 pessoas, a instituição atende hoje em torno de 180 inscritos, dentre elas crianças e adolescente, de 06 a 17 anos. Funciona das 07:00 às 17:00, oferece café da manhã, lanche reforçado na hora do almoço e lanche da tarde. Conta com o número de sete educadores sociais e um coordenador pedagógico, um profissional do serviço social e uma psicóloga. Cada educador social se responsabiliza por um núcleo de inscritos, por faixa etária, focando nas demandas por idade. Dentre as atividades, temos: aulas de artes, teatro, auxílio pedagógico, capoeira, dança, aulas de história, jogos e formação para integração ao mercado de trabalho aos jovens que irão completar 18 anos e não mais poderão frequentar a instituição.

Conforme a equipe pedagógica, o projeto que auxilia aos jovens para a entrada no mercado de trabalho, conseguiu em um ano colocar cerca de 12 jovens no mercado, em contrapartida de 06 que foram para o mundo do crime e ou das drogas.

Contudo, projeto de extensão oferecido se justifica pelo crescimento exponencial de fenômenos voltados para o adoecimento psíquico dos adolescentes no Brasil, sobretudo depressão e suicídio, além da saída para as drogas e para o mundo do crime, já que na adolescência acreditamos que a conversão e a desconversão acontecem com mais facilidade. No que se trata de saúde mental, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 11,5 milhões de brasileiros sofrem de depressão, o que coloca o Brasil como o segundo maior país com prevalência da patologia nas Américas.

Sabemos que a adolescência é um dos estágios mais marcantes do desenvolvimento humano, perpetrada por uma fase de indefinição e transição, manifestada por crescimento e desenvolvimento físico intenso, acompanhada de alterações fisiológicas, psicológicas e sociais. No percurso destas mudanças, a ausência de orientação adequada, seja da família, escola e sociedade pode oferecer riscos físicos psíquicos e sociais ao adolescente (BORGES, 2011).

Vivemos em uma sociedade turbulenta e esmaecida de parâmetros, em uma mudança de Era. A história nos revelou a idade do fogo, da pedra, do bronze e agora a idade da informática e o mundo das imagens, onde o real e o virtual se confundem entre outras inúmeras colisões. Ao lado de tanta tecnologia, uma violência indignada do homem primitivo está solta por toda a parte. O viver virou arte de sobreviver emocionalmente. (LEVISNK, 1996).

Portanto, em um primeiro momento, na perspectiva de constituir um espaço de reflexão e ação, fundamentado em saberes técnico-científicos e populares, lançamos mão dos saberes da disciplina educação em saúde mental, quese apresenta como uma estratégia fundamentada no processo de transformação de comportamento, mediada por práticas educativas e reflexiva que exaltem a autonomia dos sujeitos na condução de sua vida. A prática atribuída ao profissional psicólogo pretende favorecer a promoção, prevenção e a manutenção da saúde mental, visando o melhor desenvolvimento do sujeito, sendo capaz de provocar mudanças individuais e sociais.

Como facilitadora do processo de educação em saúde mental, por intermédio da articulação entre a Universidade e a comunidade como um todo, a extensão universitária pretende alinhar as atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas no âmbito acadêmico às reais demandas da sociedade, colaborando, sobretudo, para com o desenvolvimento de hábitos saudáveis e com o fortalecimento da cidadania.

Consonante a estas perspectivas, o presente estudo teve como objetivo descrever a experiência da inserção de estratégias de educação em saúde mental, em especial, pelo profissional de psicologia inserido no cenário de uma instituição de acolhimento e fortalecimento de vínculos, com vistas a compartilhar a experiência do trabalho da psicologia na realização de oficinas com educadores e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social.

A importância deste estudo está relacionada às práticas da psicologia enquanto campo de saber que permite problematizar e transformar a experiência e a própria concepção do adolescente contemporâneo, apontando para a configuração de novos fazeres, novos contornos e novos fundamentos para essas práticas. Possibilita-se, assim, a interlocução de conhecimentos entre a psicologia, a educação e as políticas públicas na sociedade contemporânea (GUARESCHI, 2003)

# **O SUJEITO ADOLESCENTE**

A adolescência é delineada como um período biopsicossocial que, segundo a Organização Mundial de Saúde-OMS (1965) estabelecida entre os 10 aos 18 anos de idade. Esse critério é também adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2007a) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Brasil, 2007b). Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o período vai dos 12 aos 18 anos (Brasil, 2007).

A consolidação do conceito adolescente no século XX, durante muito tempo, predominou na Psicologia e na educação, uma compreensão como um processo natural e universal pelo qual todo ser humano passaria, em qualquer tempo e lugar, que faria parte do ciclo vital. Diferentemente, quando recorremos às contribuições da história e das ciências sociais, é possível entender a adolescência como o trabalho psíquico imposto ao jovem na nossa cultura, necessário para efetuar a passagem da infância para a vida adulta (COUTINHO, 2015).

Segundo Philippe Ariés, historiador francês, na Idade Média a consciência das particularidades da infância não existia, a criança era vista como um adulto em miniatura. As fases etárias não eram compreendidas nem valorizadas como momentos únicos na história e no desenvolvimento da personalidade (ÁRIES, 1981).

Naquela época, imperava o pensamento coletivo. O homem medieval tinha uma compreensão limitada do espaço privado, a família era vista como uma unidade econômica. No decorrer dos séculos XVI ao XIX, aconteceram uma série de eventos que viria mais tarde a mudar essa concepção de família. O desenvolvimento da alfabetização e dos livros incentivou o gosto pelo privado e pela solidão. Novas religiões surgiram, as quais exigiam dos fiéis uma devoção mais íntima. Houve uma redefinição dos papéis sociais das mulheres e das crianças (ÁRIES, 1981).

Assim, só no século XIX, em uma sociedade marcada pelo ideário do individualismo e do romantismo, com a expansão da escolarização e a complexificação da entrada no mercado de trabalho, é possível o surgimento da adolescência. Trata-se de uma experiência peculiar à nossa sociedade ocidental moderna, na qual cada indivíduo é responsável pela sua trajetória de vida e pelo lugar que ocupará na sociedade (ÁRIES, 1981).

Essa concepção foi reforçada por algumas abordagens psicanalistas. Em 1905, Freud escreve Três ensaios sobre a sexualidade infantil, nos quais insere o escrito sobre as transformações da puberdade. Entretanto, na formulação inicial das teorias psicológicas e psicanalíticas sobre a adolescência predomina a ideia da adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento, definida sempre através de uma visão normatizante e atenta ao caráter semi patológico que apresentava. Erikson foi o grande responsável pela institucionalização da adolescência como uma fase especial no processo de desenvolvimento ao introduzir o conceito de moratória, identificando essa fase com confusão de papéis e dificuldades de estabelecer uma identidade própria, e como um período que passou a ser quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta (ERIKSON, 1976). Assim, o conceito de adolescência foi se consolidando sobretudo nas áreas da psicologia e da educação que, sem dúvida, têm uma participação importante na sua difusão.

Aberastury (1981), apesar de enfatizar que “toda a adolescência leva, além do selo individual, o selo de meio cultural e histórico”. Além disso, Knobel, citado por Aberastury,parte de pressupostos de que “o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas” e que o “adolescente apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos de pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade” (ABERASTURY,*op. cit*, 1981).

Desse modo, avaliamos que a adolescência é instituída historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto fato social e psicológico. Partimos do pressuposto que os “dramas” da adolescência decorrem, não somente das exigências pulsionais advindas da puberdade, mas de uma determinada situação social e histórica, com a qual o jovem se depara ao sair da infância. No entanto, nossa cultura não oferece aos adolescentes direções claras, que o orientem neste percurso, nem papéis sociais definidos do que seja ser um adulto. O encontro com o mundo adulto, pelo contrário, é bastante problemático, já que no paradigma individualista, contradizer a tradição e traçar seu próprio destino torna-se regra, o que traz enormes questões e desafios no que diz respeito à educação, ou seja, à transmissão de um legado coletivo, em nossa cultura (CALLIGARIS, 2000).

Quanto à educação de adolescentes, alvo de tantas discussões e lamúrias por parte de pais e professores nos dias de hoje, questões mais específicas e complexas se colocam. O que teria a psicologia a dizer sobre isso? Quais os caminhos e descaminhos do luto desse paradoxal encontro/confronto do adolescente com a educação no trabalho psíquico em curso neste sujeito, sobretudo quando o mesmo se encontra em vulnerabilidade social?

Essas questões não podem deixar de serem questionadas para se refletir sobre os modos de subjetivação que estão sendo produzidos referentes ao sujeito adolescente. Sendo assim, não poderemos deixar de lado as discussões sobre vulnerabilidade social, da qual trataremos logo adiante.

# **1 – Vulnerabilidade Social**

O conceito de vulnerabilidade começou a ser trabalhado na área dos direitos humanos e mais tarde foi incorporado ao campo da saúde com os trabalhos realizados sobre AIDS na Escola de Saúde Pública de Harvard. As primeiras discussões articulavam dois estratos de visibilidade: pessoas que eram discriminadas socialmente e grupos específicos que remetiam a questões de medo e moral – levou à ampla disseminação do conceito de “grupo de risco” (MANN, 1993).

O modo como pretendemos abordar aqui o conceito de vulnerabilidade social vai no sentido de contrapor a noção de grupo de/em risco. Entendemos que, ao trabalhar com o conceito de vulnerabilidade social, não estamos remetendo ao indivíduo a condição de vulnerável. A vulnerabilidade está na falta ou na não condição de acesso a bens materiais e bens de serviço que possam suprir aquilo que pode tornar o indivíduo vulnerável (AYRES, 1999).

Para Abramovay (2002), a vulnerabilidade social é definida como situação em que os recursos e habilidades de um dado grupo social são insuficientes e inadequados para lidar com as oportunidades oferecidas pela sociedade. Essas oportunidades constituem uma forma de ascender a maiores níveis de bem-estar ou diminuir probabilidades de deterioração das condições de vida de determinados atores sociais. Assim, o conceito de vulnerabilidade social está indiretamente vinculado com o de mobilidade social.

Todavia, vulnerabilidade não se restringe à categoria econômica, passando por organizações políticas de raça, orientação sexual, gênero, etnia. Dessa forma, as organizações simbólicas também estão intimamente ligadas ao conceito de vulnerabilidade social (ABRAMOVAY, *op. cit*).

Ayres considera que a conformação da vulnerabilidade social acaba sendo constituída em torno de conjunturas básicas: a primeira diz respeito à posse ou controle de recursos materiais ou simbólicos que permitem aos indivíduos se desenvolverem; a segunda remete à organização das Políticas de Estado e bem-estar social, que configuram os componentes de oportunidades que provêm do Estado, do mercado e da sociedade como um todo; por fim, a forma como os indivíduos, grupos, segmentos ou famílias organizam seus repertórios simbólicos ou materiais para responder aos desafios e adversidades provenientes das modificações dinâmicas (AYRES, 1999).

Isso leva a uma análise do conceito de vulnerabilidade social de forma complexa e multifacetada, pela análise da organização de diferentes vetores que dificultam o acesso aos bens e serviços, incluindo os de saúde e educação (CASTRO *et al*, 2001). Portanto, é preciso considerar os fatores específicos da comunidade. Assim, observa-se que a vulnerabilidade cresce quando aparecem algumas das situações a seguir: falta de acesso à informação, aos serviços básicos de educação, saúde, lazer e falta de confiança ou credibilidade na sustentação de estratégias de ação. Evidencia-se, a partir desses aspectos, um deslocamento na atribuição da condição de vulnerabilidade, que já não se constitui como característica própria do indivíduo, mas como resultado da combinação de determinados arranjos sociais e políticos que vão incidir sobre os sujeitos (GUARESCHI, 2004).

Uma leitura provocadora possível é a de que, quando os jovens fazem parte de populações carentes, políticas públicas podem enquadrá-los, naturalmente, como o grupo de excluídos que precisa ser ocupado para poder formar sujeitos úteis, que saiam das ruas e frequentem escolas, pois o contrário se relaciona à possibilidade de infringir regras. Embora ocorram em certos espaços da sociedade onde a pobreza é mais visível, essas práticas não podem deixar de ser questionadas para se refletir sobre os modos de subjetivação que estão sendo produzidos por determinados discursos hegemônicos de exclusão social.

Em relação aos discursos hegemônicos, Coimbra (2011) ressalta o surgimento de um sentimento de incompetência de grupos considerados vulneráveis, que seria reforçado pelos saberes dominantes. Para o autor, esses saberes chegam às classes subalternizadas como algo totalmente fora de seu mundo, de seu alcance: desconhecem como foram produzidos e para que servem. Com isso, ele ainda assevera que assim são convencidos de que todos aqueles que não possuem informações competentes e científicas não podem expressar suas opiniões, já que estão longe da verdade e, portanto, se encontram efetivamente excluídos.

Assim, a crítica que empreendemos não diz respeito à existência em si das políticas públicas, mas à necessidade de análise de como estas se constituem, que saberes e lógicas operam e como constituem os sujeitos sobre em contexto de vulnerabilidade social.

# **2 – Sobre o Método**

Este relato de experiência reflete às nossas vivências e as percepções a respeito dos integrantes do projeto de extensão “Saúde Mental de Adolescentes em Contexto de Vulnerabilidade Social”, realizado com fomento do NEXT do Centro Universitário ICESP, unidade de Águas Claras-DF. O referido projeto está sendo realizado no período de agosto de 2018 a fevereiro de 2019, subdividido em duas fases de atuação; a primeira considerando os educadores e a segunda contemplando aos inscritos do turno vespertino do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Tia Nair.A segunda fase, que será escrita em outro trabalho, terá foco sobre os relatos e as intervenções com os adolescentes.

 A vivência fundamentou-se na descrição das estratégias de educação em saúde mental, mediadas pela realização de oficinas direcionadas aos educadores do Centro de Convivência, com a finalidade de oferecer o melhor e mais adequado manejo didático ao adolescente, abordando temáticas relacionadas à adolescência. Sendo assim, foram estabelecidas as seguintes etapas: (a) problematização inicial, com base no conhecimento prévio e nas experiências pedagógicas/dificuldades dos participantes; (b) escolha dos temas (pelos educadores) a serem tratados nos encontros; (c) apresentação do conteúdo por meio de oficinas; (d) reflexão crítica, discussões e relatos dos participantes, e (e) socialização e avaliação das atividades realizadas.

Nesta pesquisa, as estratégias utilizadas foram de capacitação participativa, alinhadas ao conceito de educação para a saúde mental no contexto de vulnerabilidade social, com o uso de oficinas. Carvalho (2005. P.7) compreende oficina como:

“Um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, focado em torno de uma questão central, proposta pelo grupo, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, com formas de pensar, sentir e agir.”

Os temas selecionados para as oficinas posteriores com os adolescentes foram: violência; bullying; sexualidade; gravidez na adolescência; DST/AIDS; álcool e drogas. Além dos educadores, participaram da escolha dos temas, os coordenadores, o assistente social, coordenador pedagógico e a psicóloga da Instituição, embora estes tenham apoiado apenas na logística do trabalho e também com sugestões, não sendo objetos de intervenção. Foram realizadas reuniões semanais, com duração média de 2 horas cada. Assim, foram realizadas cinco oficinas com grupo de educadores.

# **3 – Relatos da Experiência**

A região onde está localizada a referida instituição possui elevados índices de criminalidade e vulnerabilidade social, refletindo altos índices de gravidez na adolescência, bem como o exagerado consumo de álcool e drogas pela população jovem. No sentido de promover estratégias educativas direcionadas aos adolescentes, diversos estudos vêm sendo realizados, abordando, especialmente, as temáticas relacionadas à sexualidade e ao uso indevido de drogas.

Vale ressaltar que ainda são escassas as realizações de oficinas direcionadas aos educadores em Serviços de Convivência, particularmente, no Brasil. Nesta pesquisa, as temáticas e atividades propostas para cada oficina foram as mesmas, seguindo um cronograma que definiria quais seriam praticadas nos encontros subsequentes, com base na definição das necessidades levantadas na primeira reunião pelos educadores.

As oficinas foram ministradas pela acadêmica extensionista: Midiã de Itanhém Fernandes Martins e pela professora orientadora do projeto: Msc. Hellen Vale. Para mobilizar o grupo em torno da proposta, foram realizados encontros em grupo que contribuíram sobremaneira para a formação do vínculo entre os sujeitos, oferecendo também uma perspectiva de suas aspirações em face da realidade apresentada.

Neste sentido, a primeira e a segunda oficina pretenderam apenas apresentar as pessoas que se envolveram no projeto; fazer um levantamento de necessidades por parte dos educadores no manejo com sujeitos; além de elaborar um plano de intervenção educativa para atendimento destas carências. Ficou claro nesses primeiros encontros que a equipe se encontrava desmotivada frente aos conflitos institucionais e sociais do próprio trabalho. O acesso das proponentes no âmbito institucional trouxe esperança à equipe, o que já consta como o início de uma atividade interventiva.

A terceira oficina pretendeu avaliar na ótica dos educadores, os aspectos psicossociais positivos e o autoconhecimento de suas condições, por meio de uma dinâmica simples, como o cartaz representativo (autoconhecimento). O grupo deveria fazer seu cartaz, de forma livre e criativa, utilizando cartolina, caneta, lápis de cor, recortes de revista e jornais, respondendo a perguntas como: O que representa seu trabalho como educador em uma instituição em contextos de vulnerabilidade? – Quais as dificuldades ou facilidades que você encontra em sua profissão? A atividade objetivou estimular a criatividade dos participantes, proporcionando um ambiente de troca de experiências, além de observar a percepção que eles tinham de si mesmos, alertando-os para suas reais condições de trabalho face às perspectivas almejadas.

Na quarta reunião, foi realizado um fórum de discussão, seguido de apresentação da reflexão dos variados cartazes, compartilhando suas observações e perspectivas para melhorar sua atuação profissional dentro das temáticas abordadas. À medida que as questões iam sendo debatidas, verificou-se que os assuntos mais difíceis para os educadores eram: a paixão pelo trabalho, a falta de recursos, instabilidade emocional, a falta de reconhecimento por parte da instituição, a esperança de um futuro melhor frente a tantos conflitos sociais.

A experiência realizada mostrou que há um distanciamento entre os serviços dos educadores com os coordenadores da instituição. Além disso, na própria instituição que tenta dar suporte ao adolescente, há falta de recursos materiais técnicos e humanos, fatores estes que limitam a qualidade do serviço prestado. Assim, foi preparada uma reunião com os coordenadores da instituição para alinharmos novas estratégias para a melhor condução das propostas passadas pelos educadores, além de fazermos uma ponte entre os diversos trabalhos.

# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar do preconceito existente em relação à fase adolescente, denominada por alguns como uma “geração descompromissada e alienada”, trabalhos sociais importantes vêm sendo realizados com o intuito de desvelar a real situação de vulnerabilidade desta faixa etária, objetivando traçar estratégias eficazes no combate aos problemas comumente vivenciados por esses jovens.

Assim, na construção e implementação deste trabalho, o cuidado no desenvolvimento das atividades propostas em cada oficina e atividade em grupo foi perpetrado com objetivo de promover a interação e a participação de toda instituição, em especial, os educadores a fim de que estes possam expressar suas dúvidas, necessidades e experiências, construindo uma parceria de troca e difusão dos conhecimentos compartilhados.

A execução de um projeto desta natureza é um modo de cooperar na conscientização dos adolescentes e na tomada de decisões sobre suas vidas, caráter e constituição de cidadania, na compreensão da sexualidade, do uso de drogas, no conhecimento de diferentes carreiras e aptidão vocacional, dentre outras, para que estes jovens possam obter ferramentas que lhes assegurem comportamentos que não comprometam suas relações, tampouco sua saúde.

A riqueza das discussões suscitadas pelos educadores pôde comprovar o alcance dos objetivos do projeto, de caráter social e intervencionista, utilizando recursos sociais e estruturais do sistema público para a construção de uma nova realidade educacional local, que pode e deve ser replicada. Ademais, ressalta-se o crescimento e desenvolvimento profissional da equipe que desenvolveu o projeto, respaldando a criação de um espaço para problematização de questões relativas à adolescência e sua responsabilidade social, como psicólogos e educadores em saúde.

A relação do Centro Universitário ICESP e um Serviço de Acolhimento e Fortalecimento de Vínculos foi importante no sentido da mutualidade de contribuições, como: aprendizado, parcerias de intervenções, aproximação da instituição formadora de educadores e profissionais de saúde, e possibilidade de acesso a serviços de saúde mental para a comunidade carente.

Este trabalho aponta como recomendação que esta experiência possa ser aplicada em outros espaços, com profissionais que lidam com adolescentes, como já referido, este profissional exerce importante papel na construção da cidadania do indivíduo neste ciclo de vida, sobretudo carregado de vulnerabilidades, podendo ser compreendidas e melhor enfrentadas, se o educador estiver apto a apoiar e orientar os sujeitos adolescentes.

# **REFERÊNCIAS**

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; PINHEIRO, L. C.; et.al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na américa latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ABERASTURY, A. &Knobel, M. **Adolescência normal.** Porto Alegre. Artes Médicas 1981.

AYRES, J.R; et al. **Vulnerabilidades prevenção em tempo de aids***In*: PARKER, R. et al. Sexualidade pelo avesso: Direitos, Identidades e Poder. São Paulo: Editora 34, 1999.

ÁRIES. P. **História social da criança e da família*.*** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BAHLS, S. C. **Epidemiologia de sintomas depressivos em adolescentes de uma escola pública em Curitiba. Brasil. Revista brasileira de psiquiatria,** 2002.

BAPTISTA, Makilim Nunes; Adriana Said Daher; DIAS, Rosana Righetto. **Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes**.Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 21,n. 2,p. 52-61, June 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci\_arttext&pid=S141498932001000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 27 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932001000200007>.

BRAGA. Luiza de Lima e DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero.** Contextos Clínic [online]. 2013, vol.6, n.1 [citado 2018-06-22], pp. 2-14. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phpscript=sci\_arttext&pid=S198334822013000100002&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1983-3482. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>.

CALLIGARIS, C. **Adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000.

CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M., Rua, M. G.; ANDRADE, E. R. **Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza.** Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogs, BID, 2001.

COIMBRA, C. **Operação rio: o mito das classes perigosas.** Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto, 2001.

ERIKSON, E.H: **identidade: juventude e crise**.2ª ed. Trad. A.Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

FREUD, Sigmund. **O mal estar da civilização.** Trad P. César S. 123-253. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Trad J. Salomão. p. 123-253. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

GEOTHE. JW. **Os sofrimentos do jovem werther**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GROSMAM. Eloisa **a construção do conceito de adolescência no ocidente**, PS 2010.

GUARESCHI, N. M. F. **Estudos culturais e produção de sentidos: diálogos possíveis na construção de conhecimento.***In:* SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO: PODER IDENTIDADE E DIFERENÇA,2004, Canoas: 2004. Anais do 1º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação: poder identidade e diferença (CD-Rom). Canoas: Editora da ULBRA, 2004

KEHL. Maria Rita. **O tempo e o cão,** 2009.

LAVISKY David L. **Adolescência e violência,**1996.

LOVISI. Giovanni Marcos, Santos Simone Agadir, Letícia Legay, Lucia Abelha, Elie Valencia. **Análise epidemiológica do suicídio no brasil entre 1980 e 2006** https://repositorio.observatoriodocuidado.org/bitstream/handle/53/2/rbp.S151644462009000600007.pdf

MOURA. MírianAparecida e ARAÚJO Luciene Guimarães. **Levantamentos de estratégias especificas utilizadas por psicólogos clínicos no tratamento de adolescentes com comportamento suicida.**<http://jornal.faculdadecienciasdavida.com.br/index.php/RBCV/article/view/335/267>.

OMS (2017). **Com depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, oms lança a campanha “vamos conversar”**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.phpoption=com\_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-decausas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamosconversar&Itemid=839. Acesso em: 14 de jun. 2018. Organização Mundial de Saúde.

PEREIRA do Rêgo Barros, Airton, da Penha de Lima Coutinho, Maria, Fernandes Araújo, Ludgleydson, Ramos Castanha, Alessandra, **as representações sociais da depressão em adolescentes no contexto do ensino médio**. Estudos de Psicologia [enlinea] 2006, 23 (Enero-Marzo): [Fecha de consulta: 27 de junio de 2018] Disponibleen:<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395336320003> ISSN 0103166X.

1. Graduanda do 2º Semestre do Curso de Psicologia: midiaifm@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
2. Mestre em Psicologia: hfsousa2010@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)